

# UMA BALADA EM TOPONÍMIA: DA RUA DESCARTES À RUA DE RENNES

**Bernard Bosredon**

Université Paris 3, I. Tamba, EHESS

“A nomeação das ruas é um objeto extremamente complexo,  
e frequentemente mesmo espinhoso, a propósito  
do qual podem-se escrever muitas obras”  
Perec, *Espèces d'espaces*, p. 65-66, Galilée, Paris.

**RESUMO:** *Nesta análise dos nomes de ruas e estradas de Paris, B. Bosredon procura dar visibilidade aos princípios sintático-semânticos que regulam a construção denominativa das vias de comunicação rodoviária e urbana. Por essa análise enunciativa, o autor conclui que a introdução de nomes de pessoa na nomenclatura de ruas, que veio acompanhada da ausência de preposição entre o termo categorial (p.ex. rua, avenida, etc.) e o nome próprio, corresponde a uma ausência de relação entre os formantes dos nomes de rua. Dessa forma, passa-se de uma sinalética semanticamente motivada por critérios topográficos para uma combinação que o autor qualifica como mais abstrata.*

**ABSTRACT:** *In this analysis of the names of streets and roads in Paris, B. Bosredon seeks to show the syntactic-semantic principles which regulate the construction of the denomination of road and urban communications networks. With the analysis of such denominating utterances, the author concludes that the introduction of personal names in the nomenclature of streets, which came along with the absence of preposition between the categorial term (e.g. street, avenue) and the proper name, corresponds to an absence of relation between the constituents of the names of streets. Thus, Paris has moved from a signalectics semantically motivated by topographical criteria to a combination which the author qualifies as more abstract.*

## Introdução

ATÉ O MOMENTO, os nomes de ruas têm sido estudados principalmente por historiadores e especialistas de onomástica. Um “belo objeto” para os primeiros, que não podiam, como escreve D. Milo, “resistir aos

charmes das cadeias denominativas”, fonte inesgotável de gracejos e anedotas coloridas<sup>1</sup>. Uma verdadeira caverna de Ali Babá para os segundos, que estão evidentemente em seu terreno na análise dessas inúmeras nomeações. Entretanto, entre a pesquisa das determinações históricas e a descrição detalhada das sedimentações filosóficas desse conjunto particular de nomes de lugar, há espaço para uma pesquisa especificamente lingüística. Ainda que pouco explorada, essa via nos parece a única capaz de dar acesso aos princípios semântico-sintáticos que regulam a construção dessas complexas denominações.

Partindo da hipótese de que a construção das denominações complexas próprias às vias de comunicação devem seus esquemas ao que chamamos uma *sinalética*<sup>2</sup> (Bosredon, 1997: 285-315), ou seja, uma atividade de nomeação de objetos únicos submetida a restrições pragmáticas locais, nós nos propomos examinar a organização sinalética da qual depende a nomeação em francês das vias de comunicação ou *odônimos*. Para isso, começaremos por destacar as características gerais das sinaléticas próprias aos odônimos das estradas, de um lado, e às urbanas, de outro. Em seguida, examinaremos mais em detalhes os odônimos urbanos formados de um primeiro nome classificador (de agora em diante N1c) como *avenue*, *rue*, etc. e de um segundo nome próprio individualizador (dito N2pr). Mostraremos que estes odônimos fazem apelo a dois distintos modos de união: por justaposição, se N2pr é um nome de pessoa: *rue Gambetta*; ou por junção com a ajuda da preposição *de*, se N2pr é um nome de lugar: *rue de Metz*... É o enigma que estabelece essa bipartição estrutural que o presente artigo pretenderá resolver.

## 1. A denominação das vias de comunicação

### 1.1. Uma primeira dicotomia: odonímia de estradas e odonímia urbana

Atualmente, na França, as vias de comunicação resultam de duas organizações onomásticas diferentes, conforme se trate da rede rodoviária ou da rede urbana. A nomenclatura das estradas é regida por um código taxionômico homogêneo e estável, enquanto que a das vias urbanas depende do amálgama de vários sistemas instalados ao longo da história por sucessivos estratos.

Os nomes de estradas são formados seguindo um padrão binário regular, juntando uma categoria institucional e um número: *nationale 6*, *departamentale 12*, freqüentemente abreviados em *N6*, *D12*. O primeiro elemento corresponde a um nome feminino proveniente da condensação de um sintagma, composto de *route* e de um adjetivo: *route nationale*.

Lida-se, portanto, com uma combinação alfanumérica com dois lugares, que gera unidades sintagmáticas em que os dois membros não estão unidos por nenhum traço sintático. Todos os nomes de estradas são formados de acordo com esse modelo, e somente algumas *autoroutes*\* recebem uma denominação particular a mais, como a *All*, dita *l'Océane*.

A formação dos odônimos urbanos repousa, ela também, sobre o princípio de união binária, conjugando um primeiro elemento nominal classificador e um segundo elemento individualizante. Mas a semelhança acaba aí. Porque ela faz apelo a diferentes conjuntos de termos classificadores e individualizantes, assim como a dois modos de junção internominal. Repertoriamos, com efeito, uma série de classificadores urbanos<sup>3</sup>, como *rue*, *boulevard*, *place*, *pont*, etc., que não provêm de um sistema taxionômico dotado de uma lógica classificatória uniforme, mas da acumulação de nomeações categoriais, acopladas no fio das épocas. Como lembra Rastier (1961: 60), “*rue* é atestado em 1080, *avenue* em 1549, *cours* em 1616, *boulevards* em 1803”. Por outro lado, *rue* se emprega atualmente tanto como termo genérico: um plano de Paris comporta uma “nomenclatura das ruas de Paris”<sup>4</sup>, tanto como primeiro elemento classificador, designando em princípio uma via menos larga que um *boulevard*. Salientam-se igualmente, em menor número, classificadores como *carré* (*carré des Champs-Élisées*), *pont* (*pont Alexandre-III*), *villa* (*villa Adrienne*) que evocam a idéia de uma “via” menos naturalmente que os anteriores. Consideramos que todas as formas N1 que entram na nomenclatura de nomes de ruas (cf. nota 5) devem ser consideradas nos nomes de ruas e que um *corpus* como o que contém o mapa *Paris Eclair* de Laconte (cf. nota 5), *corpus* do qual extraímos nossos exemplos, será suficiente e também consistente, mesmo se uma análise mais detalhada possa revelar especificidades na escolha do N2 que alguns N1 selecionam (*place* ou *pont*, por exemplo).

Por seu lado, os GN2 dos odônimos urbanos apresentam uma certa variedade, em relação àqueles dos odônimos de estradas, exclusivamente numéricos<sup>5</sup>. Exploramos diferentes traços da caracterização individualizante: particularidades contingentes (*rue des Quatre Fils*), duração (*avenue de Versailles*), comemoração de lugares, datas e personagens históricos ou virtuosos (*quai d'Austerlitz*, *place Napoleon III*, *rue du 14-juillet*, *rue de la Liberté*) ou ainda séries temáticas: árvores, flores, pássaros, pontos cardeais, etc. (*rue des Ormeaux*, *rue de l'Ouest*).

Enfim, a junção de dois segmentos resulta ora de uma construção sintática, ora de uma combinação extralingüística que se projeta sintagmaticamente na língua sob a forma de uma simples seqüencialização. No primeiro caso, encontramos as construções adjetivadas (*rue Longue*,

*Grand-rue*) e grupos preposicionados, quase exclusivamente, por *de* (*rue du Chat-qui-pêche*)<sup>6</sup>. No segundo caso, o nome categorizador é diretamente seguido de um nome próprio, simples ou complexo (*rue Rabelais*, *rue Saint-Vincent-de-Paul*).

## 1.2. Propriedades semióticas dessas denominações complexas de objetos únicos (DCOU)

Do ponto de vista semiótico, os odônimos, mesmo que de construção complexa, funcionam como uma unidade compacta e fixa denominando um objeto único. Eles respondem assim às questões de identificação apelativa:

- Como se chama, qual é o nome desta estrada/desta rua?

(- *Comment s'appelle, qu'el est le nom de cette route, de cette rue?*)

- É a N7/a rua do Telégrafo.

(- *C'est la N7/la rue du Télégraphe.*)

Está claro que o Npr não pode servir somente para nomear a rua. Em francês, não se dirá: *\*cette rue s'appelle Bonaparte* / (*\*esta rua se chama Bonaparte*), mas: *cette rue s'appelle rue Bonaparte* / (*esta rua se chama rua Bonaparte*). Portanto, é o conjunto N1c+N2pr que forma o nome da via.

Várias observações confirmam esse estatuto apelativo. A forma bissegmental é inalterável. Com exceção de algumas vias célebres, que adquiriram uma identidade autônoma, como *la Canebière* ou *les Champs-Élisées*, não se pode dispensar o formante categorial, parte integrante da denominação. E mesmo as formas abreviadas, tais como *Boul'Mich* ou *N7*, normalmente preservam a construção bissegmental de base<sup>7</sup>.

A ortografia, por outro lado, impõe normas gráficas que acentuam a estrutura bissegmental e a homogeneização desses DCOUs. Como bem notou K. Togeby (1982: 156)<sup>8</sup>, cabe ao uso soldar os elementos de um segundo segmento complexo com hífens, e ele cita o exemplo da *rue des Fossés-Saint-Germain-des-Prés*. De outra parte, o nome categorizador de entrada se escreve com uma inicial minúscula, mas cada constituinte do segmento individualizante começa por uma maiúscula. Desse modo, separam-se graficamente os dois constituintes dos odônimos e marca-se o papel identificador do segundo segmento conferindo-lhe a maiúscula, característica dos nomes próprios de indivíduos, por oposição ao papel categorizador do primeiro nome que recebe a minúscula de nomes comuns.

## 1.3. Propriedades semânticas

Do ponto de vista semântico, os odônimos apresentam um estatuto, à primeira vista, paradoxal. Isso porque, se de um lado se podem considerar

as nomeações semanticamente analisáveis em dois componentes que têm um sentido - eventualmente tradutíveis - de outro, seu funcionamento como identificadores nominais rígidos parece independente de sua significação intrínseca. As categorias constituem, certamente, seqüências de arranjo em número limitado, mas não instauram verdadeira hierarquia classificatória, definida com a ajuda de critérios sistemáticos homogêneos. Não se deve antes pensar uma nomenclatura como reunindo vários sistemas de repartição, histórica e geograficamente estratificados?

Os dados históricos corroboram essa hipótese. Os odônimos são, com efeito, fixados por um ato de batismo comunitário ou institucional, freqüentemente reiterado, segundo as vicissitudes da história. Uma série de predicados permite exprimir esses casos da nomeação: *batiza-se* uma rua, diz-se que uma rua *mudou de nome*, que ela *tomou o nome de*, que ela era *antigamente* nomeada, etc. E, como mostra D. Milo (1986: 285-288), a nomenclatura das ruas na França passou “da iniciativa popular ao monopólio estatal”. O sistema medieval repousa em “uma memória popular” ligada às características dos lugares (*rue de l’Horloge*). A nomenclatura institucional, ao contrário, coloca em cena “um sistema honorífico”, cuja paternidade é atribuída a Sully que, no início do século XVII, teria tido a idéia de “honrar os grandes do reino inscrevendo seus nomes no mapa de Paris” (ibid.). Desde então, a nomeação das ruas é fundada em uma memória oficial, comemorando heróis e acontecimentos políticos e militares.

A nomeação das ruas responde, portanto, a um duplo postulado semântico: o de identificar as ruas por uma nomeação própria e o de participar na elaboração de uma memória coletiva, popular ou oficial, em escala local ou nacional.

#### **1.4. Características pragmáticas**

As sinaléticas respondem a uma dupla necessidade: delimitar uma categoria e permitir a identificação de todo objeto particular que aí se queira anexar. Portanto, são certos usos que, em determinados campos de atividades, reclamam uma sinalética.

No caso da rede de estradas, a necessidade de guiar os deslocamentos por distância mais ou menos longa, com a instauração de placas de sinalização que demarcam um itinerário, é que tem desempenhado um papel determinante. O mapa das rodovias, por sua vez, impõe uma nomenclatura simples e estável do tipo alfanumérico, munida de um sistema próprio de decodificação sob a forma de legendas explicativas. A compactidade, a simplicidade, a construção regular dos nomes dessa nomenclatura está submetida a convenções tão estritas como as que regulam, por outro lado, a representação cartográfica do espaço rodoviário.

rio. Esse uso oficial não exclui, todavia, o recurso a indicações oficiais, menos elaboradas, que resultam de uma orientação topográfica experienciada e se apresentam via de regra no campo. Desse modo, se falará de direção, de lugar de partida e de chegada ou se empregará designações locais dizendo, por exemplo: tomar em direção ao Oeste “la route de Bordeaux a Arcachon”, ou dirigir-se para o Noroeste procurando “la route des vins” ou “la route des châteaux”; ou ainda, seguir ao Norte “la route des berges”, bifurcar em direção a “la route des côteaux” e seguir depois “la route des crêtes”...

No que concerne às *autoroutes*, nota-se que a nomenclatura cartográfica é relativamente recente e, de todo modo, bem posterior à terminologia da odonímia tradicional. Mas se ela segue as regras gerais da odonímia das estradas, “(A1, A62, etc.), ela não parece registrar, nos mapas, as nomeações correntes do tipo citado mais acima, (*l’Océane*). *L’Autoroute du Nord*, *l’autoroute des deux mers*, *l’autoroute du soleil*, etc. fazem parte da linguagem corrente e estão, algumas vezes, assinaladas entre parênteses nos mapas rodoviários. Em suma, ao lado da nomenclatura cartográfica construída sobre um modelo alfanumérico regular existem as designações estáveis constituindo uma sinalética diferente. Esta variação do tipo de denominação está, como se pode ver, pragmaticamente condicionada<sup>9</sup>. Considerar-se-á, com efeito, que esses nomes que não provêm da nomenclatura cartográfica, se comportam como sobrenomes, dobrando de certo modo uma nomenclatura abstrata e, ao inverso, conferindo às denominações assim construídas uma capacidade comunicativa mais ampla, cuja fonte é mais difusa e certamente menos intencional.

A denominação das ruas difere daquela dos nomes das estradas, pois ela não cumpre as mesmas funções. Sem dúvida, as ruas servem como estradas para circular - todavia, em um espaço urbano bem particular - mas elas assumem um papel central na repartição da cidade e na localização das habitações. De outro lado, o correio impõe um sistema de endereços com a menção de nomes de ruas e dos números dos imóveis que contribui fortemente para fixar o nome exato das ruas. G. Percé, por fim, observador, salientou essas características:

“O alinhamento paralelo de duas séries de imóveis determina o que se chama uma rua: a rua é um espaço cercado, geralmente nos seus dois lados mais longos, por casas; a rua é o que separa as casas umas das outras, e também o que permite ir de uma para outra, seja seguindo ao longo dela, seja atravessando-a. Além disso, a rua é o que permite localizar as casas. Há diferentes sistemas de localização; o mais difundido em nossos dias e em nossas regiões, consiste em atribuir um nome à rua e números às casas” (Percé, 1974:65).

A sinalização das ruas se faz por meio de placas fixadas em suas extremidades e em seus cruzamentos. Assim, constitui-se uma rede urbana que um mapa retrata, cuja consulta se faz com a ajuda de um recorte administrativo (por *arrondissements*, em Paris) e de um índice alfabético. Como se nota, um *mapa urbano* serve essencialmente para localizar vias e encontrar endereços, enquanto que um *mapa rodoviário* ajuda antes de tudo a visualizar trajetos sobre grandes distâncias, sem esquecer que os dois sistemas coexistem com os diversos modos de localização oficiosa de lugares familiares.

### 1.5. Balanço provisório

Esse rápido exame permite colocar em evidência quatro pontos essenciais:

(1) A relativa heterogeneidade semiótica das vias urbanas face à homogeneidade semiótica da nomenclatura das vias rodoviárias.

(2) Para a nomenclatura das estradas, a existência de uma organização semiótica apresentando uma regularidade ótima: um único esquema de união por seqüencialização ordenada; um número mínimo de categorias, correspondendo a um conjunto hierárquico de divisões jurídico-administrativas: *canton, département, état*. Somente a rede de *autoroutes*, que resulta de sociedades privadas, está apenas parcialmente integrada a essa ordem semiótica, apresentando uma nomeação geralmente conforme à construção dos nomes de estradas nos mapas rodoviários standard (A4) e uma outra mais geográfica (*la Francilienne, l'Autoroute du Soleil*, etc.).

(3) Para a nomenclatura das ruas, a coexistência de duas organizações antagonicas: uma, semiótica, tende a impor, como no caso das estradas, uma construção bissegmental homogênea ao primeiro elemento categorizador e ao segundo elemento diferenciador; outra, semântica, submissa às determinações político-históricas, atrapalha a ordem semiótica, introduzindo no fio do tempo categorias sem ligação sistemática entre si (*sentier, allée, boulevard*), e recorrendo a elementos diferenciadores heterogêneos, de acordo com as necessidades ou a ideologia política do momento.

(4) A oposição entre o esquema único de união, por justaposição ordenada, dos dois segmentos constitutivos dos nomes de estrada, e o duplo esquema de ligação das duas partes dos nomes de rua: seja sintática, por meio da preposição *de*; seja paratática, por justaposição direta, como no caso dos nomes das estradas.

A que concerne a coexistência desses dois padrões sintáticos? É o que nós procuraremos elucidar no momento, analisando mais de perto um

subgrupo de nomes de rua cuja repartição entre esses dois esquemas de seleção, sobretudo à primeira vista, é aleatória. Tratam-se de nomes de rua em que o elemento individualizador comporta um nome próprio.

## 2. Dupla estrutura de nomes de rua em que o N2 é um nome próprio

### 2.1. Apresentação das estruturas em N2pr

Dispõem-se de dois esquemas regulares para construir os nomes de rua, ilustrados pelos exemplos citados no título do presente artigo:

(1) *rue Descartes*

(2) *rue de Rennes*

Como lembra L.Palm (1989:9), K. Togeby imputa essa diferença de construção ao tipo de nome próprio empregado. A preposição interior *de* seguida ou não de um artigo definido, explica ele, se encontra antes de “nomes de cidades” (*rue du Havre*), de “nomes de rios” (*rue du Loiret*), de “nomes de países”, que “raramente entram em nomes de ruas”, como por exemplo *rue d’Argentine*. E acrescenta:

“Antes de nomes de pessoas, evita-se em geral a preposição *de*: *boulevard Voltaire* (...). Nos raros casos em que ocorre *de*, pode-se tratar de partícula que marca nobreza. *Rue de Condé* (...). Se o nome de pessoa é precedido de um título, o *de* torna-se necessário (...): *rue de l’Abée-de-l’Epée*. *Saint* não é um título, por isso a ausência da preposição: *rue Saint Jacques*” (K. Togeby 1982:156).

De fato, no caso de nomes de pessoas precedidos de um título, o uso é mais flutuante do que diz K. Togeby. Por exemplo, para *Général*, somente uma das 26 ruas não possui a preposição interior (*rue Général Guilhem*); para *Commandant*, quatro nomes de ruas de Paris apresentam um *de* interior, e quatro outros uma junção direta (*rue Commandant Lamy*, *rue de Commandant Léandri*); para *Docteur*, encontram-se 13 *du* interior, contra 17 sem *du* (*rue Docteur Potain*, *rue du Docteur Roux*). Além disso, encontram-se também nomes de lugar por construção direta: *boulevard Montparnasse*. Enfim, freqüentemente acontece de tal ou tal usuário ajuntar ou suprimir um *de* interior.

Permanece uma tendência estatisticamente dominante a de ligar por um *de* um Npr de lugar e a de justapor diretamente um Npr de pessoa. Esta bipartição é tanto mais curiosa porque o francês podia ter generalizado uma só construção para os nomes próprios, como o fizeram várias outras línguas. Assim, em polonês, o genitivo é a regra (*Ul. Aleksandry*), em latim, o adjetivo é epônimo do construtor (*via Appia*, iniciado por Appius), em

italiano e espanhol está a construção direta, salvo depois de *place*<sup>10</sup>. Quais são, portanto, as propriedades dessas duas estruturas que engendram sua especialização?

## 2.2. Comparação dos odônimos de tipo *rue de Rennes* e *rue Descartes*

Esses dois tipos de odônimos diferem, à primeira vista, pelo modo de junção de seus dois membros. Embora *de* marque claramente uma relação sintática que faz o Npr depender do N1c, é difícil se pronunciar sobre o tipo de relação que une N1c a N2pr nas construções diretas. A maior parte das gramáticas o identificam com o aposto, função gramatical tardiamente vinda da retórica e definida segundo critérios heterogêneos<sup>11</sup>. Por sua parte, Noaily (1990) propõe analisar o N2pr como um *substantivo epíteto* que, em construções N1 N2pr, serve para *identificar* o N1. Porque, explica ela, “o nome comum inicial subordina-se à classe na qual se encontra N2. Portanto, tem-se o nome da classe, depois o nome de uma unidade particular *nesta classe*” (p.135). Uma análise desse tipo, que se situa no nível das estruturas gramaticais, nem mesmo se depara com a questão da dupla construção em N2pr dos nomes de rua. Esta não se coloca, na verdade, a não ser no campo da sinalética das vias urbanas. Assim, torna-se necessário levar em conta a interação de fatores lingüísticos gerais e de restrições pragmáticas locais para tentar explicar por que os odônimos que combinam um N1 com um N2 se constroem segundo dois padrões distintos.

Comparemos *rue Descartes* com *rue de Descartes*. A construção com *de* estabelece uma ligação de determinação sintática que convida a procurar uma relação semântica entre *rue* e *Descartes*, que o sentido da preposição *de* não permite especificar. Mas é ao nível dos referentes designados por *rue* e *Descartes* que se procura estabelecer uma relação. Pensa-se, então, em uma rua onde Descartes teria nascido, habitado ou morrido. Quer dizer, uma rua que compartilha a celebridade de um grande filósofo. Ora, é precisamente essa relação semântica que a construção direta quebra, propondo uma estrutura binária “fora da sintaxe”, definida por duas posições contíguas e ordenadas. Quando se justapõe um número ou uma letra a um nome categorizador: *Nationale 10*, *Allée A*, distingue-se a posição inicial do classificador nominal daquela final do especificador. As duas posições são ocupadas por dois conjuntos finitos específicos: o repertório das categorias de rua para a primeira e a seqüência de números ou letras de um alfabeto para a segunda. Parece-nos que os nomes próprios de pessoas na construção direta são assimiláveis funcionalmente aos números e às letras, desprovidos de qualquer significação referencial e possuindo ape-

nas um valor diferencial no seio de um paradigma do qual eles resultam<sup>12</sup>. Dito de outra maneira, a referência ao indivíduo Descartes não é pertinente no nível da estrutura denominativa<sup>13</sup>. Mas, para além da denominação, é no fundamento mesmo do sistema honorífico que ela encontra sua razão de ser. A idéia de Sully, como diz D. Milo (1986: 287) foi “adotar nomes que não tivessem relação direta com o lugar ao qual eles eram impostos”. O ato comemorativo consiste precisamente na evocação do nome de um indivíduo e acessoriamente serve de sistema diferenciador para a nomenclatura de ruas. E conseqüentemente, a construção determinante implica uma caracterização referencial local. A *rue de l’Hôpital* supõe que há (ou que tenha havido, no momento da nomeação) um hospital na dita rua.

Mas, então, por que não se ter estendido a construção direta aos nomes próprios de lugar? Dois grupos de fatores devem ter conjuntamente contribuído: lingüísticos, de um lado, e históricos, de outro.

No plano lingüístico, existe para os nomes de lugar uma construção com *de*, correlata a uma interpretação referencial determinada. Assim, *la rue de Paris* implica uma localização direcional de *rue* em direção a *Paris*<sup>14</sup>. A preposição *de* marca, aqui, de um lado, a dependência do topônimo *Paris* em relação ao N1c, e de outro lado, a relação semântica de direção.

Do ponto de vista histórico, os nomes de lugar têm sido introduzidos na nomenclatura de ruas em três etapas. A mais antiga remonta aos hábitos medievais de designar as ruas, entre outras, de acordo com as referências geográficas familiares. Há portanto uma motivação referencial na base dessas denominações, como no caso precedentemente evocado da *rue de Paris*. A esse tipo de formação, prendem-se as denominações de ruas que se encontram nos *quartiers* (sobretudo nas proximidades das *gares*), onde se reagrupam os provinciais vindos da Bretagne, por exemplo. A segunda etapa se situa na época napoleônica. Ela se caracteriza pela multiplicação de nomes de lugares que comemoram as batalhas: *avenue d’Iéna*, *rue d’Arcole*, etc. Estes nomes conservam em parte seu valor referencial locativo, na medida em que eles evocam metonimicamente uma batalha a partir do local onde ela “aconteceu”. Enfim, é somente em época bem recente que os nomes de lugares estrangeiros, sem vínculos referenciais, como *avenue de New York*, têm sido introduzidos na nomenclatura das ruas. Seu número ainda ínfimo e seu uso tardio atestam *a contrario* a forte predominância de uma interpretação referencial para os Npr de lugar. Interpretação que, sem dúvida, tem contribuído para se preservar a construção com *de* sobre a qual ela repousa.

Certamente a otimização semiótica tenderia a impor um esquema único. Mas sabemos que a história fez dessa sinalética um conjunto heterogêneo comportando diferentes estratos. O sistema de classificação com *de*

preexiste, portanto, ao sistema mais recente que comporta nomes próprios de pessoas. De um lado, o antigo sistema de classificação mantém a expressão de uma motivação semântica topográfica, de outro, o moderno sistema de classificação, utilizando nomes próprios de pessoas (N2pr-pes) não exprime qualquer espécie de motivação semântica desse tipo. Por isso, nessas condições, qual pode ser a natureza semântica da relação estabelecida para a união sintagmática do primeiro formante categorial N1c com o segundo formante N1pr-pes?

Se a menção do N2pr-pes não está, nesse gênero de união, associada à expressão de uma relação entre os referentes respectivamente designados por N1c e N2pr-pes, pode-se deduzir que a relação estabelecida pela união sintagmática dos dois formantes apresenta-se como solução mínima, fundada em uma relação simples de ordem seqüencial, para dar uma forma lingüística às denominações complexas produzidas por uma combinação taxionômica autônoma. Ao primeiro formante N1, relativamente fixado (*rue*, por exemplo), corresponde uma variação do segundo formante N2pr-pes: *Bonaparte/Gambetta*, por exemplo, correlativo da oposição *rue Bonaparte* e *rue Gambetta*, ou seja, “a rua que se chama *rue Bonaparte*” e “a rua que se chama *rue Gambetta*”. Na falta de uma outra relação disponível, a relação de nomeação é, nesse caso, a relação reconhecida e cada denominação complexa assim constituída se opõe a todas as outras como sendo a única a poder identificar tal via e não tal outra. De um lado, contrariamente a *rue Bonaparte*, que significa exclusivamente que se trata de uma via urbana, por oposição a outros nomes possíveis, *rue de Paris* pode significar não somente “a rua que se chama *rue de Paris*” mas também “a rua que leva a Paris”. Assim, a preposição *de* encontra aqui um emprego semântico-sintático que não poderia realizar em outro sistema de denominação em que se conte somente com uma estrutura binária do tipo ao mesmo tempo classificatório e identificador. Este antagonismo assegura o desenvolvimento paralelo de dois esquemas de nomes de rua característicos do francês contemporâneo.

## Conclusão

Ao final deste passeio pelo espaço singular das vias de circulação urbana, é-se obrigado a constatar que a bela ordenação administrativa das placas de rua não pode mostrar a não ser o que ela tem: uma unidade de fachada. A dupla construção em N1c de N2pr ou N1cN1pr testemunha a historicidade desse tipo de nomenclatura. A introdução de nomes de pessoas na antiga sinalética deslocou sensivelmente o esquema que presidia a nomeação e a identificação das vias. A ausência da preposição entre o

termo categorial (N1c) e o nome de pessoa (N2pr-pes) corresponde, com efeito, a uma ausência de relação semântico-referencial entre cada um desses formantes do nome de rua. Dessa maneira é que se tem passado de uma sinalética semanticamente motivada por critérios topográficos para uma combinação fundamentalmente mais abstrata, na qual os nomes emprestados de pessoas valem primeiramente como elementos diferenciadores no interior de classes designadas por um estoque relativamente estável de termos categoriais (*rue, avenue, impasse...*). Ainda que diferente da onomástica das vias de circulação não urbanas, que exigiria um estudo à parte, esta sinalética dela se aproxima, no entanto, um pouco, já que a união sem ligadura dos dois formantes N1c e N2pr-pes é suficiente para constituir as formas denominativas com estrutura binária segundo um modo classificador análogo ao sistema numérico dos nomes de estradas. O que domina, com efeito, em tais dispositivos de identificação, é a impregnação da relação denominativa em detrimento de outras relações semântico-referenciais.

## Bibliografia

- ANDRIEUX-REIX N. (1996), “Séquences binominales non-prépositionnelles et relation dite “d’appartenance” en ancien français”, *Faits de Langue*, 7, *La Relation d’appartenance*.
- BOSREDON B. (1997), *Les titres de tableaux. Une pragmatique de l’identification*, Paris, PUF.
- BOSREDON B. (1998), “Les signalétiques de nomination ou quand le discours se fige”, *Rencontres Linguistiques Méditerranéennes*, Tunis, CERES.
- KLEIBER G. (1985), “Le projet Delors, la camarade Catherine”, *L’information grammaticale*, 27.
- MILO D. (1996), “Le nom des rues”, *Les lieux de mémoire* T.II, éditeur P. Nora, Paris, Gallimard.
- NEVEU F. (1996), “La notion d’apposition en linguistique française: perspective historique”, *Le français moderne*, LXIV, 1.
- NEVEU F. (1998), *Etudes sur l’apposition*, Paris, Champion.
- NOAILLY M. (1990), *Le substantif épithète*, Paris, PUF.
- PALM L. (1989), ““On va à la Mouff””. Etude sur la syntaxe des noms de rues en français contemporain”, *Acta Universitatis Upsaliensis, Studia Romancia Upsaliensia* 45, Uppsala.
- PEREC G. (1974), *Espèces d’espèces*, Paris, Galilée.
- PETIT G. (1998), “Remarques sur la structuration sémiotique des locutions familières”, *Le figement lexical, Rencontres Linguistiques*

*Méditerranéennes*, Tunis, CERES.

RASTIER F. (1991), “Peut-on définir sémantiquement le prototype?”, *Sémiotiques* I, 1.

RIOUL R. (1983), “Les appositions dans la grammaire française”, *L’information grammaticale*, 18.

TAMBA I. (à par.), “L’apposition, une étrange position syntaxique”, Conférence a Séoul, le 1/12/1998.

TAMBA I. (à par.), “Métaphore binominale et référence”, Conférence a Séoul, le 5/12/1998.

TASSY P. édit. (1986), *L’ordre et la diversité du vivant*, Paris, Fayard, Fondation Diderot.

TOGEBY K. (1982), *Grammaire française*. Pub. Par M. Berg, G. Merad et E. Spang-Hanssen. Vol. I: *Le nom*. Copenhague, Akademisk forlag.

## Documentação

*Guide indicateur des rues de Paris* dit *Paris éclair*, A. Leconte éditeur, rue Sainte-Croix-de-la-Bretonnerie.

Cartes IGN, cartes Michelin.

## Notas

<sup>1</sup> Cf. D. Milo (1986: 283), que se pergunta: “Como não ser sensível à engenhosidade dos revolucionários de Reims que, da *rue Tire-Vit*, fazem a *rue de Foi-Conjugale* (...); ou àquela do conselho municipal de Saint Etienne que rebatiza a *rue Saint-Honoré*, *Honoré de Balzac* em 1905, depois simplesmente *Balzac* em 1907”.

<sup>2</sup> Este termo não se confunde aqui com o de sinalética \*\*que remete à sinalização das rodovias.

\* N.T. A *autoroute* é uma via que comporta duas pistas em sentido único, sem cruzamento de nível, concebida para circulação rápida e de intenso fluxo de veículos. *Route* designa todas as demais estradas ou rotas. \*\*N. T. Sinalética, do francês *signalétique*.

<sup>3</sup> Lars Palm, em um estudo de 1989, que nos foi indicado e emprestado por M. Noaily, a quem agradecemos, recenseia, a partir de um corpus de 635 exemplos de fontes diversas, as 16 categorias que seguem: “*allée* (alameda), *avenue* (avenida), *boulevard* (bulevar), *carrefour* (cruzamento), *chaussée* (calçada/aterro), *cours* (passeio público arborizado), *impasse* (beco sem saída), *passage* (passagem/travessa), *place* (praça), *pont* (ponte), *porte* (porta), *promenade* (passeio), *quai* (cais), *route* (estrada/rota), *rue* (rua), *square* (pequeno jardim cercado de grade)”. Seria preciso acrescentar: *carré* (quadra), *hameau* (lugarejo - *hameau Boulainvilliers* no 16e. *arrondissement* em Paris), *passerelle* (passarela), *ruelle* (ruazinha), *sente* (vereda), *sentier* (vereda), igualmente encontrados em certos repertórios\*\*\*.

\*\*\* N.T. Esse conjunto de designações apresenta um funcionamento que se particulariza na história de cada país, região. A tradução é, portanto, aproximativa. Por isso, optamos por manter, no texto, a palavra no original francês.

<sup>4</sup> Cf. o guia indicador das ruas de Paris, chamado *Paris Eclair*, que contém uma nomenclatura das ruas de Paris.

<sup>5</sup> Lembramos que nos limitamos aos odônimos urbanos franceses atuais, considerando a diversidade de sinaléticas de vias urbanas segundo as épocas e os países. Encontramos, por exemplo, uma numeração das vias urbanas em New York (*5a. avenida*) ou em certos *quartiers* de Beirute (*rua 11*), etc.

<sup>6</sup> A preposição *a* raramente é empregada, como em *quai aux Fleurs*.

<sup>7</sup> Acontece de a forma bissegmental desaparecer, como em *Sébasto* (por *boulevard Sébastopol*), *La Mouff* (por *rue Mouffetard*). Consideramos que se tratam de casos de sobrenomeação. O registro da língua familiar convida a essa interpretação. Por outro lado, nesses casos de sobrenomeação, tende-se a interpretar essas formas como nomes de *quartiers*, de *secteurs*, eventualmente de *carrefours* (Cf. *Ménilmuch*, *Nation*, *Etoile...*). O caráter bissegmental aparece, portanto, como um marcador obrigatório na sinalética dos nomes de ruas.

<sup>8</sup> Citamos essa passagem de acordo com L. Palm (1989:9).

<sup>9</sup> Alguns mapas turísticos, assim como as placas de sinalização, utilizam essas denominações com ou sem artigo definido, com ou sem maiúscula no artigo; o uso parece ser, a esse respeito, bastante fluante.

<sup>10</sup> Agradecemos a G. Serbat, que nos indicou as construções do russo e do latim, e a J-C. Ansombre e L. Greco, a quem devemos nossas informações sobre o espanhol e o italiano.

<sup>11</sup> R. Rioul relembra a complexidade da aposição que, segundo a nomenclatura gramatical de 1975, reúne fatos lingüísticos tão diferentes quanto *le lait fraise* ou *la rue Victor Hugo* (R. Rioul, 1983:21). E. F. Neveu (1996, 1998), retrazando a história da aposição, mostra de quais compromissos retórico-gramaticais ela resulta.

<sup>12</sup> Pode-se aproximar esse tipo de encadeamento binário com função ao mesmo tempo classificatória (uma primeira posição para um nome de classe) e individualizante (uma segunda posição para uma marca de indivíduo) das formas de encadeamento mais complexas estudadas por G. Petit (1998) nas locuções familiares (como por exemplo "*manger les pissenlits par la racine*"\*\*\*\*), seqüências nas quais o encadeamento é antes de tudo uma estrutura semântica.

\*\*\*\* N. T. "*Manger les pissenlits par la racine*" ("comer dentes-de-leão pela raiz") carrega em francês o sentido de "estar morto e enterrado".

<sup>13</sup> Não se pode fazer corresponder a esse tipo de construção binária definida por duas posições contíguas e ordenadas nenhuma outra relação semântico-sintática a não ser aquela que faz do conjunto da estrutura um bloco denominativo do tipo: o N1 chamado NIN2pr. Isso é o que diferencia essas denominações complexas das "composições nominais não lexicais" como *le projet Delors* ou *l'année Victor Hugo* estudadas por G. Kleiber (1985: 5), nas quais o Npr remete efetivamente ao indivíduo portador de nome próprio.

<sup>14</sup> Como nos assinalou F. Renaud, para as designações familiares das estradas, o especificador corrente é aquele da localidade a que se quer chegar. Desse modo, a mesma estrada será chamada *route de Boutiers* ou *route de Cognac*, conforme se desloque de Cognac a Boutiers e vice-versa. Da mesma maneira, certas portas de Paris, como *Porte de Versailles*, são nomeadas de acordo com o destino definido a partir de Paris.

Tradução: Rosângela Morello - doutoranda em Lingüística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP